

Maria Rosane Alves da Costa/ Universidade de Pernambuco

UPE – Campus Garanhuns

e-mail: maria-rosane@hotmail.com.br

### **Rosaura e Isaura: branqueamento e superficialidade na ficção bernardiana**

Os romances *A escrava Isaura* (1875) e *Rosaura, a enjeitada* (1883), do escritor mineiro Bernardo Guimarães, têm suas origens no período abolicionista e como temática o regime escravocrata. As duas obras partilham de diversas características comuns, tanto em relação à maneira deformada como foi retratada a sociedade escravocrata quanto na composição superficial dos personagens, sendo consideradas obras bastante sinônimas.

*A escrava Isaura*, obra mais lida de Guimarães, relata a história de Isaura, escrava branca que foi criada em meio a seus senhores e educada como se fosse um deles. Ela é assediada por Leôncio, seu amo, mas com a ajuda de seu pai (Miguel) e de Álvaro, moço rico e branco que por ela se apaixona, acaba conseguindo a liberdade. Já *Rosaura, a enjeitada* é a filha bastarda de Adelaide, rica e branca, com Conrado, mulato e capataz da fazenda. Ela é uma filha ilegítima e dada por morta, mas que acaba se tornando escrava de sua própria mãe. No entanto, várias coincidências contribuem para que ela descubra toda a verdade e tenha um final feliz.

Segundo Candido, enredo e personagem são dois dos elementos que compõem o romance e que estão intimamente ligados numa relação de dependência. A personagem, considerada “o elemento mais atuante, mais comunicativo da arte novelística moderna” (Candido, 2011, p.54), é de extrema relevância, representando o que há de mais vivo na estrutura de um romance, no entanto, ela só adquire pleno significado dentro de um contexto, de uma construção estrutural verossímil.

Assim sendo, percebemos que os romances bernardianos aqui mencionados apresentam um leque de diversos personagens significantes, porém deixam a desejar no que se refere à verossimilhança que constitui cada uma das narrativas. Isso ocorre porque a obra de ficção não pode ser igual à realidade, mas deve ser coerente, aceitável diante dos padrões da vida corrente. Logo, é completamente inverossímil a composição de personagens que são escravas e, ao mesmo tempo, são brancas e educadas, pois no contexto do qual fazem parte as personagens Isaura e Rosaura, isto seria impossível, visto que se trata da sociedade brasileira do século XIX, a qual se estruturava por

completo sob um regime de escravidão. Dessa forma “o que julgamos *inverossímil*, segundo padrões da vida corrente, é, na verdade, *incoerente*, em face da estrutura do livro” (Candido, p. 76).

Diante dessas considerações somos levados a refletir sobre a maneira como esses romances “abolicionistas” foram estruturados, pois as obras bernardianas aqui referidas deixam transparecer um “idealismo ingênuo ou contraditório, visto que não se trata de protesto contra o sistema escravocrata senão contra o cativo de jovens belas e educadas” (Moisés, 1928, p.199). Assim temos as descrições de Isaura e Rosaura, respectivamente:

A tez é como o marfim do teclado, alva que não deslumbra, embaçada por uma nuança delicada, que não sabe dizer se é leve palidez ou cor-de-rosa desmaiada (...). Na fronte calma e lisa como mármore polido, a luz do acaso esbatia um róseo e suave reflexo; di-la-íeis misteriosa lâmpada de alabastro guardado no seio diáfano o fogo celeste da inspiração. (GUIMARÃES, 2001, p. 14).

A tez do rosto e das mãos era de um moreno algum tanto carregado; mas quem embebesse o olhar curioso pelo pouco que se podia entrever do colo, por baixo do corpinho do vestido, bem podia adivinhar que era o sol, que a tinha assim crestado, e que sua cor natural era fina e mimosa como a do jambo. (GUIMARÃES, p. 03).

É claramente notável que tanto Rosaura quanto Isaura eram brancas, dotadas de qualidades superiores e que, mesmo sendo escravas, projetavam os valores da branquidade, sendo retratadas segundo o padrão estético europeu. Temos aí uma forte influência do fenômeno do branqueamento, um processo bastante duradouro que predominou na segunda metade do século XIX e tinha como ideal o retorno à cor branca, ou seja, o clareamento da cor e dos traços dos afro-ameríndios, o que seria possível por meio do “encorajamento à imigração europeia, pela seleção sexual e pelo abandono das massas escuras da população aos perigos de doenças, alcoolismo e desnutrição” (Brookshaw, 1983, p. 77).

Dessa forma, o intuito da sociedade branca do período abolicionista era banir negros e indígenas do Brasil, tanto social como biologicamente. Assim, acreditava-se que o país se branquearia em poucos séculos e que teríamos uma raça pura, dotada apenas de características positivas e livres do atraso econômico ocasionado pelos negros. Essa tendência baseava-se na histórica simbologia atribuída às cores preto e branco, de acordo com a qual o branco simboliza o positivismo marcado pela pureza,

superioridade, inteligência e divindade, e o preto todo o contrário, ou seja, negativismo, amoralidade, imbecialidade e tudo que estivesse relacionado ao diabo.

Segundo Abreu (2013), as duas obras tem em comum não somente o fato das protagonistas serem brancas e escravas, mas também a ausência de críticas explícitas à escravidão, já que a injustiça a que se faz referência é a escravização de jovens tão excepcionais como Rosaura e Isaura, e o que está em jogo não é a condição de escravo, mas sim a exposição de pessoas brancas a esta condição. Assim, o negro aparece não como sujeito de sua história, mas como um objeto idealizado e branqueado, que nega sua origem e cultura.

Os dois romances não fazem nenhum tipo de menção ao modo como realmente era a vida dos negros e aos castigos pelos quais passavam, ocultando essa dura realidade e preocupando-se apenas com as sentimentalidades de Rosaura e Isaura, como se o sofrimento dos milhares de africanos escravizados se resumisse aos melodramas presentes nas duas narrativas. Deste modo cabe salientar que essa visão fragmentada do sistema escravocrata só vem a contribuir ainda mais com a falta de totalidade das duas narrativas, já que falta “referência, estabelecimento de relação entre um traço e outro traço, para que o todo se configure, ganhe significado e poder de convicção” (Candido, p.79).

De acordo com Brookshaw, a inserção de protagonistas negras e dotadas de qualidades superiores colocaria em dúvida a estrutura social e étnica da época, visto que a beleza e a inteligência eram valores reservados aos brancos, enquanto aos negros restava apenas o enquadramento em diversos estereótipos. Esse branqueamento visível em *A escrava Isaura e Rosaura, a enjeitada* elucida o preconceito de raça e cor vigente na sociedade brasileira do século XIX, sugerindo a imagem daquele em que deveria se transformar o negro para ser aceito socialmente, ou seja, um ser de alma branca.

### **A composição dos personagens: imagens que se confundem**

*A escrava Isaura e Rosaura, a enjeitada* fazem parte do chamado romance moderno (do século XVIII ao começo do século XX), quando, segundo Candido, havia uma forte tendência de caracterização dos personagens em dois modos principais: os seres íntegros e facilmente delimitáveis e os seres complicados. Os seres que pertencem ao primeiro tipo são “marcados duma vez por todas com certos traços que os caracterizam” e os que pertencem ao segundo “não se esgotam nos traços

característicos, mas têm certos poços profundos, de onde pode jorrar a cada instante o desconhecido e o mistério” (p.60). As personagens das narrativas bernardianas pertencem ao primeiro grupo.

Essas personagens facilmente delimitáveis, também chamadas personagens de costumes, são “apresentadas por meio de traços distintivos, fortemente escolhidos e marcados; (...) Estes traços são fixados de uma vez para sempre, e cada vez que a personagem surge na ação, basta invocar um deles” (p.61). É seguindo sobre este viés que discorreremos sobre os principais personagens dos romances bernardianos, tendo em vista que os dois apresentam “um universo psicológico de concepção essencialmente romântica, redutível a poucas situações e tipos fundamentais, esquematizados a partir das representações mais correntes de herói, heroína, pai e vilão” (Candido, 2000, p. 213).

De início, vamos nos deter às personagens principais. As duas mulatas são frutos da união de um ser superior com um ser inferior, sendo sorteadas com traços e peles que, ao mesmo tempo em que evidenciam a descendência branca, não denunciam a presença de sangue africano. Isaura é filha de uma escrava (Juliana) e de Miguel, que embora pobre, era branco, livre e “tinha o trato e a linguagem de um homem polido e de acurada educação” (Guimarães, p. 04).

Já Rosaura é filha de pais livres, Adelaide, filha de um rico fazendeiro, e Conrado, um mulato que trabalhava como capataz, mas que ao longo da trama acaba se tornando um grande capitalista. Ela torna-se escrava devido a um engano que ocorreu em sua infância, quando sua mãe, ainda solteira, engravida e dá a luz às escondidas, abandonando-a. Essa descrição torna evidente que estamos diante de figuras nobres, que se encontram sobre a linha de transitoriedade das raças, e que pertencem ao grupo que colaboraria para o branqueamento da população brasileira, o mulato, que junto ao branco acabaria por concretizar o retorno à cor branca.

É relevante salientar que Rosaura se enquadra nas “personagens transpostas de modelos anteriores” e Candido, que são construídas a partir de um personagem já existente, que de modo indireto influencia na composição dessa nova personagem. Deste modo, fica claro que Rosaura foi “transposta” de Isaura, praticamente refazendo seus passos, ainda que indiretamente.

## **Os mocinhos e os vilões num contexto escravocrata**

A apresentação dos mocinhos dos nossos romances escravocratas ocorre de modo bastante idealizado. Álvaro e Carlos possuem muitos pontos comuns: se apaixonam por escravas (brancas), são de boa família e lutam para que suas amadas se tornem livres. Os dois são descritos como moços inteligentes, puros, de bom coração e distintos, ou seja, são delimitados como sendo verdadeiros príncipes encantados, possuindo tudo o que se espera de um herói romântico.

É impressionante que esses dois jovens venham a se apaixonar por escravas, entretanto, há uma explicação para tal fato, seus objetos de paixão não eram qualquer negra, eram duas mulheres desenhadas à imagem do branco e com características psicológicas de branco e que, infelizmente, eram cativas. No momento em que eles descobrem que Isaura e Rosaura não passam de escravas, se decepcionam, chegam até a por em dúvida seus próprios sentimentos, tendo vergonha de terem sido iludidos por pobres escravas. Isso põe em dúvida o caráter abolicionista das duas obras, visto que as mesmas acabam transmitindo uma visão preconceituosa em relação aos escravos, deixando transparecer uma mentalidade completamente racista.

Porém, em histórias com estruturas como essas, o herói permanece bom e justo até o fim, e é por isso que ambos encontram meios de libertá-las para que vivam seu grande amor sem que isso simbolize uma vergonha. Carlos tem a sorte de ter um sogro rico que proporciona a liberdade a Rosaura. Já Álvaro, de maneira providencial, é um advogado rico que compra a liberdade de Isaura.

No que se refere aos vilões, tanto Leôncio quanto Moraes usaram o casamento como um meio de ascensão social e representaram uma ameaça à integridade das duas escravas, tentando seduzi-las e comprometendo a estabilidade do seio familiar, e como se não bastasse, de maneira providencial, os dois vilões ainda acabam morrendo para que as escravinhas pudessem ser felizes. Ao longo dos dois romances o mau caráter dos dois só vem a aumentar, caracterizando-os de uma vez por todas como malfeitores e comprovando o que diz Moisés (1985) quando afirma que nos romances de Guimarães bons e maus se destacam desde cedo e para sempre numa dicotomia que não deixa margem a dúvidas.

## **A concretização simbólica do branqueamento**

Abreu (2013) afirma que o casamento de Álvaro e Isaura representaria a concretização literária da união entre as várias raças, mas, na verdade, os casamentos de Carlos e Rosaura, Álvaro e Isaura, respectivamente, ao invés de afirmar uma união entre as raças, negam completamente a raça negra, representando a concretização simbólica do branqueamento e evidenciando a união entre brancos e mulatos, união esta considerada como um dos meios para alcançar o retorno à cor branca, por meio de cruzamentos sucessivos a fim de que não restasse sangue africano no povo brasileiro.

O mulato, que era visto como “um perigo maior à estabilidade da estrutura social e étnica que é representada por uma elite predominantemente branca” (Brookshaw, p.151), passa a ser visto como uma espécie de ponte que levaria a população brasileira à pureza racial, algo evidente nos dois romances, nos quais Rosaura e Isaura simbolizam o mulato, Álvaro e Carlos, o branco. Assim sendo, esse fato é a representação simbólica da vitória do branco sobre o negro, pois a união de um branco com um mulato ocasionaria o nascimento de prole branca, a extinção da raça negra e, conseqüentemente, a purificação racial do Brasil.

O fim do século XIX carregou consigo o ideal de uma evolução da raça, uma homogeneização da sociedade brasileira, o que nos romances bernardianos é sugerido de forma implícita, visto que os personagens brancos optam por cônjuges mais claros, visando originar uma geração de melhor aparência. Dessa forma, as narrativas de Guimarães concretizam a “mágica do ‘branqueamento’ com que os teóricos do século passado esperavam lavar o povo brasileiro” (Toledo, 1994, p.02).

## **Observações finais**

A partir das reflexões expostas torna-se evidente a maneira como a imagem do negro foi construída na literatura brasileira pré-abolicionista, observando que ela constituiu-se de forma estereotipada e deformada, especificamente nas obras de Bernardo Guimarães, pois “se a imagem do escravo apresentado não corresponde à realidade, então o escravo na ficção não é mais do que uma caricatura, com um retrato falseado pelo escritor”. (Abreu, p.111)

Outro ponto marcante é que as duas narrativas giram em torno da negação da cor negra, da desumanização do escravo, possuindo personagens alinhavados com traços de branquidade e tratando o tema central com superficialidade, pois “embora se constate o apelo à abolição da escravatura através de algumas personagens, não se observa uma defesa intransigente e convicta da emancipação total dos escravos de forma incondicional” (Abreu, p.54).

Através da comparação entre as duas obras foi possível traçar um paralelo entre os personagens, comprovando que, apesar de algumas particularidades, tem-se uma sinonímia nos enredos, identificável a partir da presença de personagens modeladas, estereotipadas e delimitadas pelo narrador. Logo, nos dois romances é notável uma “caracterização mecânica dos personagens” e um “universo de invenção limitada” (Candido, 2000, p. 217) que se sobrepõe à maneira fiel de retratar a realidade, transformando as obras em narrativas inverossimilhantes, já que Guimarães não constrói a “lógica da personagem” de modo coerente à realidade da época.

Sobre a figura do negro, Pessanha 2006 afirma o seguinte:

... a história do negro no Brasil ainda precisa ser passada a limpo, a fim de enfatizar-se o quanto ele foi despojado de seus emblemas e de sua humanidade, relembando também que com seu sacrifício, configurou-se uma das mais expressivas bases da nascente cultura nacional. E, apesar de suas insígnias marcarem desde os primórdios nossa formação, no entanto, na literatura, o negro surge frequentemente estigmatizado. Fala-se sobre ele, de sua vida, de seus costumes sob o enfoque do olhar branco europeu. (147)

Assim, torna-se nítido que na literatura pré-abolicionista brasileira, o negro não era apresentado como portador de sua voz, pelo contrário, era “sempre objeto e quase nunca sujeito da narração”, tendo sua história contada por vozes brancas, sempre pela ótica do dominador, nunca do dominado.

## REFERÊNCIAS

ABREU, José António Carvalho Dias de. **Os Abolicionismos na Prosa Brasileira**: de Maria Firmina dos Reis a Machado de Assis. Coimbra, UC: 2013. Paulinas

ALVES, Kleber da Silva. **“Por que razão não libertaram esta menina?”**: discurso emancipacionista e perfil do liberto ideal no romance A Escrava Isaura.- Programa de Pós-Graduação em História Regional e Local, 2010.

BEECHER, Harriet Stowe. **A cabana do Pai Tomás**. Estados Unidos: Edições Paulinas.

BOSI, Alfredo. **História Concisa da Literatura Brasileira**. 1936 – 43ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2006.

BROOKSHAW, David. **Raça e cor na literatura brasileira**. Tra. Marta Kirst. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1983.

CANDIDO, Antonio. **Formação da Literatura Brasileira: momentos decisivos**. 1918 – 6ª ed. – Belo Horizonte, Villa Rica Editoras Reunidas Ltda, 2000.

CANDIDO, Antonio [ et all]. **A personagem de ficção**. 12ª ed. – São Paulo: Perspectiva, 2011.

COUTINHO, Afranio/ co-direção COUTINHO, Eduardo de Faria. **A Literatura no Brasil**. 7ª ed. – São Paulo: Global, 2004.

COUTINHO, Afranio. **Introdução à Literatura no Brasil**. 14ª ed. – 1986.

D'AMBROSIO, Oscar. **Escrava Isaura: Análise do livro de Bernardo Guimarães**. In Pedagogia & Comunicação, 2007.

DEL PRIORE, Mary. **História das mulheres no Brasil**. 9ª ed. – São Paulo: Contexto, 2009.

GOMES, Mayra Rodrigues. **A censura e o uso dos prazeres: comunicação sob constrição**. In Revista Galáxia, São Paulo, **123** n., dez. 2007.

GUIMARÃES, Bernardo. **A escrava Isaura**. São Paulo: Ediouro, 2001.



GUIMARÃES, Bernardo. **Rosaura, a enjeitada**. 2º vol. São Paulo: Saraiva.

LUFT, Gabriela; WELTER, Juliane. **As personagens negras na literatura brasileira oitocentista: os quadros da escravidão de Joaquim Manuel de Macedo**. In Terra roxa e outras terras – Revista de Estudos Literários - Volume 17-B, dez. 2009.

MOISÉS, Massaud. **A Literatura Brasileira através de textos**. 24ª ed. – São Paulo: Cultrix, 2004.

MOISÉS, Massaud. **História da Literatura Brasileira/ Romantismo**. São Paulo: Cultrix, 1985.

MONTEIRO, Tanize Feijão; et all. **Paradigma e possibilidades: uma releitura sobre o método indiciário e o uso de obras literárias na pesquisa em história**.

PEIXOTO, Fabiana de Lima. **Literatura Afro-brasileira**. Salvador: Programa a cor da Bahia, 2013.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus. **O negro na literatura**. In: Cadernos Penesb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. N. 12. Rio de Janeiro: Eduff, 2010.

PESSANHA, Márcia Maria de Jesus; BRITO, Maria da Conceição Evaristo de. **A Literatura Brasileira e o papel do autor/personagem negros**. In: Cadernos Penesb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. N. 7. Rio de Janeiro: Eduff, 2006.

PINSKY, Jaime. **A escravidão no Brasil**. 21ª ed. São Paulo: Contexto, 2011.

RIBEIRO, Graziela Escocard. **Muito além da ficção: “A escrava Isaura” de livro se transformou em novela, virou lenda e até assombração**.

SILVA, Silvane. **Racismo e sexualidade nas representações de negras e mestiças no final do século XIX e XX.** In: História do Negro no Brasil – escravidão, gênero, movimentos sociais e identidades/ Maria Aparecida de Oliveira Lopes (org.). São José: Premier, 2011.

TEIXEIRA, Moema de Poli. **Relações raciais na sociedade brasileira.** In: Cadernos Penesb – Periódico do Programa de Educação sobre o Negro na Sociedade Brasileira. N. 7. Rio de Janeiro: Eduff, 2006.

TOLEDO, Roberto Pompeu de. **A escrava que falava francês.** In Veja, 18 de agosto de 1994.